



A escola da mestra Silvina (Cora Coralina) e a formação dos corpos “dóceis”

Elia Cristina Alves dos Santos

Instituto Federal, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, Brasil

Luísa Helena Silva e Alves

Instituto Federal, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, Brasil

Geraldo Gonçalves de Lima

Instituto Federal, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, Brasil

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a sociedade disciplinar e como a instituição escolar contribui para a formação de corpos “dóceis”. Para isso, utiliza-se como *corpus* o poema *A escola da mestra Silvina*, de Cora Coralina (2014), e como aporte teórico as reflexões desenvolvidas por Michel Foucault (2014). A pesquisa tem natureza investigativa e qualitativa, sendo desenvolvida a partir de cunho bibliográfico, compreendendo a literatura como elemento constitutivo da cultura e reflexo das concepções disciplinadoras, típicas da sociedade contemporânea. Logo, a docilização dos corpos é perceptível por meio do controle de movimentos em conformidade às regras, no tempo e no espaço. A professora é detentora do poder, enquanto os alunos são seres passivos. Logo, a escola contribui para a formação de corpos ‘dóceis’, atendendo, assim, aos anseios da sociedade disciplinar, habilitando o indivíduo para a produção eficiente, a submissão e a obediência às regras.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade disciplinar. Poder. Escola.

THE SCHOOL OF MASTER SILVINA (CORA CORALINA) AND THE FORMATION OF THE "DOCILE" BODIES

ABSTRACT

The present article has the purpose of reflecting on the disciplinary society and how the school institution contributes to the formation of "docile" bodies. For this, it is used as corpus the poem *The school of master Silvina*, de Cora Coralina (2014), and as a theoretical contribution the reflections developed by Michel Foucault (2014). The research has an investigative and qualitative nature, being developed from a bibliographic, understanding the literature as a constitutive element of culture and reflection of the disciplinary conceptions, typical of contemporary society. Therefore, the docilization of the bodies is perceptible through the control of movements in accordance with the rules, in time and space. The teacher holds the power, while the students are passive beings. Therefore, the school contributes to the formation of 'docile' bodies, thus attending to the anxieties of the disciplinary society, enabling the individual for efficient production, submission and obedience to the rules.

KEYWORDS: Disciplinary society. Power. School.

LA ESCUELA DE LA MAESTRA SILVINA (CORA CORALINA) Y LA FORMACIÓN DE LOS CUERPOS "DÓCILES"

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la sociedad disciplinaria y cómo la institución escolar contribuye a la formación de cuerpos "dóciles". Para ello, se utiliza como *corpus* el poema *La escuela de la maestra Silvina*, de Cora Coralina (2014), y como aporte teórico las reflexiones desarrolladas por Michel Foucault (2014). La investigación tiene naturaleza investigativa y cualitativa, siendo desarrollada a partir de cuño bibliográfico, comprendiendo la literatura como elemento constitutivo de la cultura y reflejo de las concepciones disciplinadoras, típicas de la sociedad contemporánea. Por lo tanto, la docilización de los cuerpos es perceptible por medio del control de movimientos en conformidad a las reglas, en el tiempo y en el espacio. La profesora es poseedora del poder, mientras que los alumnos son seres pasivos. Por lo tanto, la escuela contribuye a la formación de cuerpos 'dóciles', atendiendo así a los anhelos de la sociedad disciplinaria, habilitando el individuo para la producción eficiente, la sumisión y la obediencia a las reglas.

PALABRAS CLAVE: Sociedad disciplinaria. El poder. Escuela.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a sociedade é constituída por meio da aquisição e da manutenção de poder ou até mesmo pela resistência a ele. Para obter o poder e mantê-lo, podem ser utilizados a força e os requintes de crueldades. O entendimento dessas relações de poder e suas peculiaridades é necessário para uma melhor compreensão das diversas nuances que compõem a sociedade em geral, assim como o processo de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar.

Foucault (2014) comenta, que por meio do suplício - ritual típico da sociedade do século XVIII, – utiliza-se o corpo do condenado para apresentar um espetáculo à população, no qual se está expondo, não o suplício em si mesmo, mas o poder do soberano e as consequências para as pessoas que desobedecem enfaticamente ao poder do rei.

No final do século XVIII, surgem novas formas de conceber a sociedade, pois há a ascensão da burguesia ao poder, sendo que novas ideologias são hegemônicas nessa sociedade. Organiza-se a sociedade disciplinar; surgem, com ela: as prisões, as escolas, os hospitais, os quartéis, os manicômios e diversas outras instituições disciplinares. Essas instituições contribuem para formar, segundo Foucault (2014), os corpos dóceis em que se aumentam as habilidades para a produção, a submissão às regras.

Nesse sentido, quanto mais obediente se torna o indivíduo, mais “útil” ele será para a sociedade disciplinar. “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2014, p.135

-136). Sendo assim, os corpos na sociedade disciplinar são vigiados constantemente, por uma questão de ordem constituída.

Sabendo que o espaço escolar consiste em uma instância disciplinar ligada à relação de poder, pretende-se, com este trabalho analisar, por meio do poema de Cora Coralina, *A escola da mestra Silvína*, como a escola contribui para a formação de corpos “dóceis” na sociedade disciplinar.

2 BREVES PALAVRAS SOBRE A VIDA E A OBRA DE CORA CORALINA

A obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, publicada em 2014, está em sua 23ª edição. A primeira edição foi publicada pela Editora José Olympio em 1965; a segunda, publicada em 1978, e a terceira, em 1980; ambas as publicações foram realizadas pela Universidade Federal de Goiás (na Coleção Documentos Goianos).

Conforme apresentam os editores do livro, a Editora Global pretende, com a publicação da obra, dar continuidade ao trabalho das Editoras anteriores, divulgando a poesia de Cora Coralina, oferecendo, assim, um serviço cultural para o Estado de Goiás e para o Brasil.

Britto (2006) expõe que Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto, nasceu em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto e de Jacyntha Luiza do Couto Brandão. O falecimento do pai, antes de Anna completar dois meses, dificulta a ascensão social da família e o acesso de Anna à educação formal.

Porém, isso não a “impediu de ser tão exímia contista quanto poetisa e, sob o ponto de vista sociológico, podemos considerá-la, um dos grandes marcos da literatura brasileira” (BRITTO, 2006, p.170). A poetisa faleceu em 10 de abril de 1985, aos 95 anos; sua obra continua viva.

Observando o título do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, busca-se a reflexão sobre a palavra “beco”, que, de acordo com Bueno (2000), significa rua estreita e curta, comumente sem saída; percebe-se a imposição do poder enquadrando os corpos em determinado contexto social. Nesse sentido,

O beco se contrapunha ao largo. Enquanto os largos eram ligados pelas ruas principais, onde viviam as famílias da sociedade reconhecida, os becos eram construções para facilitar o acesso às ruas, geralmente surgindo na confluência dos quintais e funcionando como repositório de tudo o que a sociedade desejava evitar. O beco é o lugar a partir do qual Cora Coralina desvendou a vida da sociedade de seu tempo (BRITTO, 2006, p.113).

Britto (2006) discorre que nos becos circulam pessoas humildes, aqueles que são excluídos e os resistentes. Os becos simbolizam a superação e a manutenção de dificuldades, neles existem os dramas individuais e sociais. Para ele, Cora Coralina une o beco real e o simbólico ao escrever, em seus poemas, sobre os becos de Goiás.

O beco representa a vida da escritora, a qual foi permeada de dificuldades, de esperanças e de superação. O beco, “apesar de ser o cenário dos rejeitados, de pobreza e morte (beco de fim de vida), também simboliza a busca por melhores condições, a luta, assim como foi a vida da autora” (BRITTO, 2006, p.164).

Nesse sentido, Cora Coralina conta histórias de vida, escreve sobre marginalizados, sobre esperança e sobre superação. Estar com Cora é refletir sobre o Estado de Goiás, o Brasil, e, sobretudo, é pensar sobre a vida. Sendo assim, é pertinente utilizarmos o poema escrito pela poetisa, *A escola da mestra Silvina*, para refletirmos sobre a formação dos corpos “dóceis” no espaço escolar na sociedade disciplinar.

3 A SOCIEDADE DISCIPLINAR

“Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 2014, p.135). Essas fórmulas de dominar foram aperfeiçoando-se, disseminando-se e perpetuaram nos séculos vindouros.

Para Foucault (2014), em todas as sociedades os corpos humanos são impostos às limitações, às proibições e às obrigações. A sociedade exerce sobre o corpo uma coerção constante, para isso, existem técnicas que o autor exemplifica, como a escala, o objeto e a modalidade de controle.

Foucault (2014) expõe que a escala do controle consiste em manter uma coerção constante sobre os corpos, tratando-os como uma máquina ativa. Nesse sentido, os movimentos, os gestos, as atitudes, a rapidez são controlados. O objeto de controle implica a economia, que significa o controle da eficácia dos movimentos e das organizações dos corpos. A modalidade de controle consiste na coerção ininterrupta que observa o corpo no tempo, no espaço e nos movimentos. Nesse contexto, escala objeto e modalidade são métodos que impõem ao corpo uma docilidade e utilidade, denominadas por Foucault (2014) de disciplinas.

A sociedade disciplinar “é o momento em que nasce uma arte do corpo humano” (FOUCAULT, 2014, p.135), que visa à formação de corpos mais obedientes e mais úteis. É uma política de coerções disciplinando os corpos; é a manipulação calculada de

comportamentos, é a dominação sobre os corpos dos outros. A disciplina fabrica corpos ‘dóceis’, isto é, corpos submissos e exercitados, que obedecem às regras sem questionar.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (FOUCAULT, 2014, p.135 - 136).

Para Foucault (2014), a sociedade disciplinar é uma “anatomia política” que se faz presente em várias instituições distintas, mas que se assemelham pela imitação. Elas observam o cumprimento de regulamentos, inspecionam e controlam o corpo, sendo que isso acontece nas escolas, nos hospitais, nos exércitos e em outras instituições sociais. Para o autor, a “anatomia política” deve ser compreendida como

uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apóiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos reestruturaram a organização militar. Circularam às vezes muito rápido de um ponto a outro (entre o exército e as escolas técnicas ou os colégios e liceus), às vezes lentamente e de maneira mais discreta (militarização insidiosa das grandes oficinas) (FOUCAULT, 2014, p.136).

A disciplina organiza as celas, os lugares e as fileiras, cria espaços funcionais e hierarquizados, espacialidades que marcam valores e garantem a obediência dos indivíduos. As técnicas disciplinares “transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas” (FOUCAULT, 2014, p.145).

“Nas escolas elementares, a divisão do tempo se torna cada vez mais esmiuçante; as atividades são cercadas o mais possível por ordens a que se tem de responder imediatamente” (FOUCAULT, 2014, p.147). O autor esclarece que nos espaços disciplinares - como os quartéis, os hospitais, as oficinas, as indústrias e as escolas - é considerado o tempo integralmente útil, sem impurezas e sem defeitos, considerado de boa qualidade. Nesse sentido, “o tempo controla o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (FOUCAULT, 2014, p.149).

O tempo empregado medido e pago deve ser também um tempo sem impurezas, nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício. A exatidão e a aplicação são, com a regularidade, as virtudes fundamentais do tempo disciplinar (FOUCAULT, 2014, p.148).

Esse tempo de qualidade não tem visão humanista, de valorização de qualidade de vidas humanas, mas é referente ao tempo útil na visão mercadológica de produção e de mundo capitalista, ligada a aspectos desumanizantes. Nesse sentido, como elucida Freire (2015), a desumanização do homem está pautada na injustiça, na exploração, na violência dos opressores contra os oprimidos. Observa-se que na sociedade disciplinar o aproveitamento do tempo tem uma visão capitalista, de produção mecânica e eficiência dos corpos, formando, assim, uma sociedade de opressores e oprimidos.

A sociedade disciplinar busca cada vez mais a dinamização do tempo, deve se valorizar cada segundo, detalhando cada ato (ação) para que se tenha o máximo de agilidade, presteza e eficiência. Nessa perspectiva,

importa extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis. O que significa que se deve procurar intensificar o uso do mínimo instante, como se o tempo, em seu próprio funcionamento, fosse inesgotável; ou como se, pelo menos, por uma organização interna cada vez mais detalhada, se pudesse tender para um ponto ideal em que o máximo de rapidez encontra o máximo de eficiência (FOUCAULT, 2014, p.148).

Os corpos são objetos de manipulação e de mecanismos de poder, transformando-os em corpos dóceis, obedientes e submissos. O poder disciplinar visa ao adestramento dos corpos para a ‘docilização’, isto é, para a subserviência. Mas Freire (2015) propõe algo distinto à obediência às regras, sem discernimento. O autor defende, assim, a educação visando à conscientização, preparando as pessoas para a democracia, rejeitando todo tipo de manipulação do poder disciplinar.

4 A FORMAÇÃO DE CORPOS “DÓCEIS” EM A ESCOLA DA MESTRA SILVINA

O poema de Cora Coralina *A escola da mestra Silvina* é permeado pelo processo disciplinar, retratando a relação de poder no contexto escolar. De acordo com Foucault (2014), a escola é um espaço similar aos quartéis, aos exércitos, às fabricas, às indústrias, em que os corpos são objetos de manipulação e de mecanismos de poder, transformando-os em corpos “dóceis”, obedientes e submissos.

Percebe-se que, no Poema *A escola da mestra Silvina*, Cora Coralina utiliza uma linguagem coloquial. De acordo com Peres e Borges (2015, p.39), a poetisa empregou “em seus escritos, a linguagem que melhor se adaptou ao seu empreendimento poético: a coloquial. Conscientemente, em seus textos, há o resgate de uma linguagem perdida, presente nos verbetes dos dicionários, mas há muito em desuso”. Nesse sentido, Bagno (2003) explica que a língua é como um rio de águas abundantes, longo e largo. Assim como o rio, a língua está sempre em

movimento, renovando incessantemente. Nesse sentido, para compreender a linguagem cotidiana da poetisa, é preciso pesquisar algumas palavras usadas outrora.

Mas a língua não é só movimento e renovação. Bagno (2003) elucida que falar de língua é expressar-se politicamente. Então, o autor expõe que os cientistas, os professores e os cidadãos não podem se isentar da reflexão política de questões teóricas e práticas relacionadas ao uso da língua.

Refletir-se-á sobre *A escola da mestra Silvina*, lendo-se os versos a seguir:

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal - sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
Era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha(CORALINA, 2014, p. 61).

As reticências após “minha escola primária...” (CORALINA, 2014, p. 61) demonstram que foram ocultadas algumas histórias, existem lembranças que não foram narradas pelo Eu Lírico nesse poema. O Eu Lírico relembra a escola do passado, a mestra anciã e o cotidiano escolar.

O tempo na escola era distribuído em dois turnos, matutino e vespertino. Sendo que, no primeiro turno escolar, a entrada acontecia às oito horas e a saída às onze horas; no segundo turno, a entrada era às treze horas e a saída às dezesseis horas: “repartida em dois períodos para a mesma meninada, das 8 às 11, da 1 às 4” (CORALINA, 2014, p.61). Observa-se que a escola é um aparelho que intensifica a utilização do tempo; há o horário de entrada e o horário da saída, os alunos são sempre observados e vigiados por alguém.

Nessa perspectiva, Foucault (2014) esclarece que o horário como técnica de controle dos corpos é uma herança monástica e foi facilmente difundida nos colégios, nos hospitais, nas oficinas e por várias outras instituições disciplinares. O rigor da marcação temporal é uma postura religiosa de controle do tempo e da regulamentação dos ciclos de repetição. O controle do tempo é claramente definido em *A escola da Mestra Silvina*. As aulas eram ministradas oito

horas diárias, repartidas igualmente em dois turnos, quatro horas de manhã e quatro horas à tarde. Assim, a escola utiliza-se do tempo como técnica disciplinar

para reger as relações do tempo, dos corpos e das forças; para realizar uma acumulação da duração; e para inverter em lucros ou em utilidade sempre aumentados o movimento do tempo que passa. [...] As disciplinas que analisam o espaço, que decompõem e recompõem as atividades, devem ser compreendidas como aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo (FOUCAULT, 2014, p.154).

Peres e Borges (2015, p.41) comentam que a escritora revelou o espaço escolar como um lugar angustiante, torturante, “ao focalizar a maneira como se deu sua aprendizagem escolar, a organização do tempo na escola, as ausências (recreio, exames, notas, férias, cânticos, merenda) e o sempre presente ‘bolo de palmatória’”. Os alunos não tinham férias, um tempo de descanso escolar; Yokozawa (2007) comenta que a professora Silvina era pobre e não podia dar férias aos alunos, pois precisava receber o seu salário.

O Eu Lírico qualifica a professora Silvina como uma pessoa boa, idosa e cansada, com muitos anos de profissão. Ela havia ensinado a outras gerações e, embora fosse aposentada, ainda continuava a ensinar. Percebe-se a marcação do tempo quando o Eu Lírico menciona que a professora havia ensinado a outras gerações e era aposentada.

Na sociedade disciplinar, o tempo marcado para a aposentadoria disciplina o profissional a cumprir no mercado de trabalho determinados anos de serviço, os quais deverão ser comprovados. Assim, para receber esse benefício, cabe ao trabalhador cumprir, disciplinadamente, o que é imposto pelas regras da aposentadoria.

Mas muitos profissionais, mesmo aposentados, precisam continuar trabalhando; é a situação da Mestra Silvina narrada no poema. Britto (2006) relata que, geralmente, em Goiás, as professoras aposentadas das escolas públicas abriam escolas em suas residências para que pudessem complementar a renda. Nesse contexto, percebe-se a desvalorização da profissão docente, pois as professoras recebiam baixos salários e, depois de aposentadas, precisavam continuar trabalhando para complementação da renda.

Percebe-se que o tempo que a mestra Silvina se dedicou ensinando aos alunos foi controlado pelo poder político. Nesse sentido, Foucault (2014, p. 157) explica que “o poder se articula diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante a sua utilização.” Nota-se que tanto os alunos quanto a professora são disciplinados e controlados pela técnica de utilização do tempo.

Nos versos seguintes:

A gente chegava “- Bença, Mestra.”

Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

Vinham depois:
Primeiro, segundo,
terceiro e quarto livros
do erudito pedagogo
Abílio César Borges -
Barão de Macaúbas.
E as máximas sapientes
do Marquês de Maricá.

Não se usava quadro-negro.
As contas se faziam
em pequenas lousas
individuais (CORALINA, 2014, p.61 - 62).

De acordo com Bueno (2000, p.689), a rotina é a “sequência fixa de instruções e operações”, é um caminho trilhado que se conhece, rotina é hábito, é uma prática constante. Sendo assim, a rotina estabelece o ritmo de desempenho escolar imposto por regulamentos, ordens, impele “a todos normas temporais que deviam ao mesmo tempo acelerar o processo de aprendizagem e ensinar a rapidez como virtude” (FOUCAULT, 2014, p.152).

O Eu Lírico relembra que lia as séries dos livros de Abílio César Borges, o “Primeiro, segundo, terceiro e quarto livros do erudito pedagogo Abílio César Borges - Barão de Macaúbas” (CORALINA, 2014, p.62). Souza (2012) relata que, em 1866, Abílio César Borges foi um dos pioneiros do livro didático no Brasil, lança o primeiro livro de leitura, ensinando o método Abílio; depois foram publicados o Segundo, o Terceiro, o Quarto e Quinto livro de leitura, sendo que essa série de livros era adotada em várias escolas brasileiras, públicas e particulares,

dos cinco livros de leitura de Abílio César Borges, o *Primeiro* é o que possui características mais específicas, distinguindo-se dos demais por ser dirigido ao ensino de primeiras letras, mais propriamente à aquisição da leitura. Apresenta o método a ser seguido, sendo bem didático. Nos demais livros, existem apenas textos, sendo o quarto e o quinto os que possuem textos com conteúdo e linguagem mais complexos (SOUZA, 2012, p.660, *grifo da autora*).

De acordo com Peres e Borges (2015), os livros didáticos de Abílio César Borges, em relação aos métodos de ensino para a alfabetização, continham poucas variações, “seus livros mantêm a soletração como base no processo inicial de aprendizagem da leitura”(PERES; BORGES, 2015, p.45).

Os alunos, sob a direção da professora Silvina, realizam atividades múltiplas sistematizadas, controladas a cada instante. Nesse contexto, a professora é detentora do saber e do poder, os alunos são sujeitos passivos que obedecem ao comando da mestra. Assim, observa-se que os alunos obedecem ao que lhe é (im)posto, chegam à sala de aula e cumprimentam a professora, sentam-se nos bancos e leem em voz alta o alfabeto e as lições. Para Freire (2010, p.22), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Essa construção do conhecimento inexistente na escola da mestra Silvina, uma vez que os procedimentos de ensino estão prontos, é algo mecânico, seguem a rotina estabelecida.

Os versos seguintes mostram um comportamento padronizado:

Não havia chamada
e sim o ritual
de entradas, compassadas.
“- Bença, Mestra...”

Banco dos meninos.
Banco das meninas.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada (CORALINA, 2014, p.62 - 63).

De acordo com Foucault (2014), o poder disciplinar acontece discretamente, as ações passam despercebidas no cotidiano; os atos se tornam costumes, regras a serem seguidas. Na escola, o controle dos corpos está presente em ações diárias, percebe-se que a posição na fila classifica os indivíduos pelo lugar que ocupa. No espaço escolar, as filas estão presentes nas salas, nos corredores, nos pátios. Agrupam-se os alunos por idades; dividem-se os alunos por comportamentos, desempenhos, classes sociais; há uma hierarquização do saber concretizada por notas ou méritos.

Nota-se que a mestra Silvina conduz os educandos à memorização mecânica dos conteúdos. A educação, nessa perspectiva, “se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2015, p.80). Assim, na sociedade disciplinar, quanto mais se depositam os conteúdos nos alunos, mais eficiente é considerado o

professor, quanto mais os alunos “se deixam ‘docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão” (FREIRE, 2015, p.80).

No poema, o Eu Lírico retrata que “não havia chamada e sim o ritual de entradas, compassadas. ‘- Bença, Mestra...’”(CORALINA, 2014, p.62). Há, nessa passagem, a maneira ritualizada de como os alunos devem entrar na sala de aula. Está implícito, mas o olhar hierárquico da professora controla a presença e o comportamento dos alunos que estão sendo treinados para se tornarem corpos “dóceis”.

Os alunos fazem uma pausa para cumprimentar a professora. Nesse contexto, verifica-se uma semelhança com alguns rituais religiosos, como, por exemplo, na hora de receber a hóstia em que os fiéis realizam uma pausa na frente do padre para receber o “corpo do Cristo”.

Também as disposições dos versos - “Banco dos meninos. Banco das meninas. Tudo muito sério. Não se brincava. Muito respeito. Leitura alta. Soletrava-se. Cobria-se o debuxo. Dava-se a lição” (CORALINA, 2014, p.62) - estão pausadas pela utilização do ponto final. Essa pausa gráfica estabelece, logo em seguida, uma sucessão de frases, relacionando-se, assim, com as sequências de ações realizadas pelos alunos na entrada e nas atividades realizadas diariamente.

Visualiza-se, assim, por meio dos sinais gráficos no poema, o ritmo estabelecido na sala de aula constituído pela disciplina escolar, ações sequenciadas e contínuas. Foucault (2014) argumenta que é possível com a determinação de lugares individuais o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos, organiza-se a economia do tempo de aprender. Assim sendo, a escola é como uma máquina de ensinar, de vigiar, de hierarquizar, de recompensar e punir: “Tinha dia certo de argumento com a palmatória pedagógica em cena” (CORALINA, 2014, p. 63).

As atividades na escola da mestra Silvina, como já foi mencionado, são sequenciadas, seguem um cronograma: os alunos devem entrar na sala de aula, ler em voz alta, soletrar as palavras, cobrir as letras, fazer os exercícios, decorar a tabuada em coro. Percebe-se que as tarefas propostas são um processo de memorização pela repetição, as palavras têm somente características sonoras. Nessa perspectiva, as palavras perdem a sua força transformadora, esclarece Freire (2015), são palavras repetidas acriticamente pelos alunos.

Na escola da mestra Silvina, de acordo com Britto (2006, p.31), “eram utilizados como didática debuxos (esboços de letras a serem recobertas), que ‘padronizavam’ a caligrafia dos alunos”. Porém, a padronização realizada na escola não padroniza somente a caligrafia, mas a homogeneização do comportamento dos discentes na escola e os preparam para serem “dóceis” em outras instituições de controle dos corpos (indústrias, oficinas, templos religiosos, quartéis etc.).

Os bancos das meninas e bancos dos meninos são localizações funcionais, são espaços em que os corpos podem ser observados em seu “vigor, rapidez, habilidades, constância” (FOUCAULT, 2014, p.140-141). Os lugares são criados de maneira que se tornam espaços úteis, que satisfaçam a necessidade de vigiar. Na sociedade disciplinar há o controle dos corpos nos espaços, classificando-os de acordo com certas características. Havia na escola da mestra Silvina a separação dos corpos no espaço, sendo assim, não há possibilidades de que os alunos escolham o banco em que irão se sentar, pois a ocupação dos lugares é determinada, separando os bancos dos meninos e os bancos das meninas.

As penalidades funcionam para adaptação dos indivíduos às normas, nota-se que a “palmatória pedagógica” estava presente na escola como forma de coerção. Britto (2006, p.152) relata que “no tocante à disciplina, constata nas escolas públicas uma cultura de aplicação de penalidades aos infratores das regras escolares”, impondo aos transgressores punições, nas quais estão a repreensão, a distribuição de notas baixas, a privação de participação no recreio, a suspensão da frequência escolar, o cancelamento da matrícula.

Nos versos seguintes:

A casa da escola inda é a mesma.
- Quanta saudade quando passo ali!
Rua Direita, nº 13.
Porta de rua pesada,
escorada com a mesma pedra
da nossa infância.

Porta do meio, sempre fechada.
Corredor de lajes
e um cheirinho de rabugem
dos cachorros de Samélia.
À direita - sala de aulas.
Janelas de rótulas.
Messorra escura
toda manchada de tinta
das escritas.
Altos na parede, dois retratos:
Deodoro, Floriano.

Num prego de forja, saliente na parede,
estirava-se a palmatória.
Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
Um pote d'água.
Um prato de ferro.
Uma velha caneca, coletiva,
enferrujada.
Minha escola da Mestra Silvina...
Silvina Ermelinda Xavier de Brito.

Era todo o nome dela (CORALINA, 2014, p.63-64).

O endereço da escola é Rua Direita, nº 13. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), o número treze esteve ligado, na antiguidade, a agouro, a presságio. Contudo, com o passar do tempo, teve outras interpretações, como o poder gerador do bem ou do mal. Foucault (2014) explica os aparelhos disciplinares, como a escola: perpassam pela qualificação de comportamentos a partir de dois valores opostos do bem e do mal, as boas e más notas. Verifica-se, assim, a gratificação e a sanção que são norteadoras da aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, as boas notas medem a aprendizagem “eficiente” do aluno, estabelecem a situação positiva de aprendizagem, a gratificação. As notas baixas relacionam-se como algo negativo em que a aprendizagem do aluno “não foi satisfatória”. Essa situação torna-se a penalização dos indivíduos, pois as notas estão abaixo da média estabelecida pela escola. O Eu Lírico relata que na escola não havia “nem recreio, nem exames. Nem notas, nem férias” (CORALINA, 2014, p. 61), mas a palmatória era uma maneira de sanção capaz de intimidar os corpos, adestrá-los, tornando-os eficientes, úteis e obedientes.

A sociedade disciplinar, geralmente, é concebida em espaços fechados controlados pelo tempo e pela vigilância, “cada indivíduo no seu lugar; e cada lugar um indivíduo” (FOUCAULT, 2014, p.140). Essa sociedade controla as presenças e as ausências, estabelece as comunicações julgadas úteis, menosprezando aquelas que são consideradas fúteis, sabe-se em que lugar pode encontrar os indivíduos.

Na clausura, pode-se “a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar” (FOUCAULT, 2014, p.140). Para facilitar o poder existente, delimitam-se os espaços: a casa, os corredores, as salas de aula. Percebe-se que a porta da escola estava sempre fechada, controlando os corpos dentro de espaços fechados; pelas janelas podem-se observar os espaços exteriores; havia um corredor e salas à direita, assim, passando-se pelos corredores, pode-se observar os comportamentos dos alunos dentro das salas.

Percebe-se que a casa tem marcas expressas do poder, as paredes estão marcadas por imagens simbólicas do poder, dois retratos - Deodoro, Floriano -, bem como traz expostas possíveis e prováveis maneiras de punir, pois a palmatória se destacava esticada na parede.

Nos versos a seguir:

Velhos colegas daquele tempo,
onde andam vocês?

Sempre que passo pela casa
me parece ver a Mestra,
nas rótulas.

Mentalmente beijo-lhe a mão.
“- Bença, Mestra.”
E faço a chamada de saudade
dos colegas:
Juca Albernaz, Antônio,
João de Araújo, Rufo.
Apulcro de Alencastro,
Vitor de Carvalho Ramos.
Hugo da Tropas e Boiadas.
Benjamim Vieira.
Antônio Rizzo.
Leão Caiado, Orestes de Carvalho.
Natanael Lafaiete Póvoa.
Marica. Albertina Camargo.
Breno - “Escuto e tua voz vai
se apagando com um dolente ciciar
de prece”.
Alberico, Plínio e Dante Camargo.
Guigui e Minguito
de Totó dos Anjos.
Zoilo Remígio.
Zelma Abrantes.
Joana e Mariquinha Milamexa.
Marica Albertina Camargo.
Zu, Maria Djanira, Adília.
Genoveva, Amintas e Teomília.
Alcides e Magnólia Craveiro.
Pequetita e Argentina Remígio.
Olímpia e Clotilde de Bastos.
Luisita e Fani.
Nicoleta e Olga Bonsolhos.
Laura Nunes.
Adélia Azeredo.
Minha irmã Helena.
(Eu era Aninha.)
Velhos colegas daquele tempo.
Quantos de vocês respondem
esta chamada de saudades
e se lembram da velha escola?

E a Mestra?..
Está no Céu.
Tem nas mãos um grande livro de ouro
e ensina a soletrar
aos anjos (CORALINA, 2014, p.64-65).

Nota-se que modelos disciplinares estão na memória dos indivíduos, e eles repetem as ações que, outrora, vivenciaram. O Eu Lírico relembra o ritual de entrada quando beijava a mão da mestra e a cumprimentava; recorda os seus colegas do passado e faz a chamada da saudade, repetindo uma ação cotidiana da maioria das escolas, o controle de presença e ausência dos alunos pela chamada. Percebe-se que o Eu Lírico repete essa ação de controle dos corpos para

saber quais de seus colegas estão vivos, “E faço a chamada de saudade dos colegas” (CORALINA, 2014, p. 63).

Verifica-se que para o Eu Lírico a professora de sua infância está no céu, pois foi uma boa pessoa, reforçando a bondade da mestra narrada nos versos “Sempre havia distribuídos alguns bolos de palmatória... a granel? Não que a mestra era **boa**...” (CORALINA, 2014, p. 61, *grifo nosso*) e que continuará ensinando aos anjos. Nesse contexto, verifica-se a inserção dos discursos religiosos seculares em que haverá a separação dos indivíduos entre os bons e os maus, sendo que os primeiros vão para o céu, os segundos, para o inferno. Essas crenças religiosas servem de mecanismo de controle, sendo assim, o poder disciplinar tem a função de adestramento para se apropriar dos corpos que se tornaram “dóceis”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como objetivo refletir – utilizando o poema *A escola da mestra Silvina* - como a escola, na sociedade disciplinar, contribui para a formação dos corpos “dóceis”.

Nesse sentido, nota-se uma gradação no uso de técnicas para o controle dos corpos. Primeiramente, o corpo é controlado nos movimentos, gestos, atitudes e rapidez, como, por exemplo, cumprimentar a professora, beijar-lhe a mão, cobrir as letras. No segundo momento, os corpos são controlados em seus movimentos eficazes, exemplifica-se obediência às regras para soletrar o alfabeto, para ler e para decorar a tabuada. No terceiro momento de controle, o corpo está em constante observação no tempo, no espaço e nos movimentos. Desse modo, existe o controle do horário para entrada e saída dos alunos na escola, rotina para realizar as atividades escolares.

Pôde-se observar que, na escola da mestra Silvina, a professora é detentora do poder, enquanto os alunos são seres passivos que aceitam o comando dela. As atividades propostas são mecânicas, contemplam a memorização pela repetição. Os conteúdos escolares não estão relacionados com a experiência de vida dos alunos e não os levam à reflexão.

Nesse sentido, a escola contribui para a formação de corpos ‘dóceis’, atendendo, assim, aos anseios da sociedade disciplinar, habilitando o indivíduo para a produção eficiente, a submissão e a obediência às regras.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2003.

BRITTO, Carvalho Clóvis. “*Sou paranaíba pra cá*”: literatura e sociedade em Cora Coralina. 2006. 189f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <https://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/CLOVIS.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2018.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000.

CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CORALINA, Cora. *Poema dos becos de Goiás e estórias mais*. 23ª ed. São Paulo: Global, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

PERES, Eliane Teresinha; BORGES, Francieli. Relações entre história e literatura: a obra de Cora Coralina e as questões do ensino e dos processos de escolarização no final do século XIX e início do século XX. *Rev. Bras. Hist. Educ.*, Maringá-PR, v. 15, n. 2 (38), p. 23-53, maio/ago, 2015. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38923/pdf_66. Acesso em: 10 jan. 2018.

SCHAFFRATH, Marlene dos Anjos Silva. Escola normal no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel M. (Orgs.). *Navegando pela história da educação brasileira*. Campinas, SP: HISTEDBR, 2006.

SOUZA, Emilia Helena. A língua e a escola na Bahia no século XIX: um olhar sobre materiais didáticos. In: LOBO, Tânia et al. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 647-666. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-46.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. Atualizações do *ubi sunt?* em Cora Coralina. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, vols. 10-11, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32535/17303>. Acesso em: 19 jan. 2018.

SOBRE OS AUTORES

Elia Cristina Alves dos Santos é Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Faculdades Integradas de Jacarepaguá, cursando Mestrado Profissional em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM. É técnica em assuntos educacionais do Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

Luísa Helena Silva e Alves é Especialista em Planejamento, Implantação e Gestão de Educação à Distância pela Universidade Federal Fluminense, em Pedagogia Empresarial e Complementação Pedagógica e em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes. Cursa Mestrado Profissional em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM. É administradora na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.
E-mail: luisahelena@terra.com.br

Geraldo Gonçalves de Lima é Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) – Campus Uberaba, sendo parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica.
E-mail: geraldolima@iftm.edu.br

*Recebido em 26 de junho de 2019.
Aprovado em 04 de novembro de 2019.
Publicado em 14 de novembro de 2019.*